

Alta, logística é diferencial regional

Perfil



Aos 39 anos, **Paula Rubin Facco Librelotto** (MDB) está na segunda gestão à frente da prefeitura de Cruz Alta. Médica infectologista de formação, mestre em Ciências da Saúde e especialista em Controle de Infecção Hospitalar, foi justamente na pandemia, em 2020, que se elegeu pela primeira vez para o Executivo. A reeleição, em 2024, foi uma das mais bem-sucedidas

do Rio Grande do Sul: Paula, que também foi a primeira mulher a assumir a prefeitura cruz-altense, atingiu 88,7% dos votos válidos. Anteriormente, foi vereadora na cidade entre 2017 e 2020. Casada com o deputado estadual Rafael Braga Librelotto (MDB), possui dois filhos, Valentino e Vittório. Tem, ainda, um MBA em Administração e Gestão Pública.

rede de outros serviços, como oficinas, restaurantes e postos de combustíveis. Será um fluxo de 350 caminhões por dia, em média, circulando para a Soli3. Tem outras empresas de esmagamento de soja, como a 3Têntos, que movimenta hoje em torno de 200 caminhões por dia por aqui. E a Yara Fertilizantes também movimenta, em média, 100 caminhões por dia. O fluxo vai dobrar na região, principalmente nos serviços, que representam 60% do PIB da cidade.

JC - Isso deverá contribuir na questão de armazenagem de grãos no Estado?

Paula - Hoje temos um hub logístico em Cruz Alta que só não é maior porque o Porto do Rio Grande não tem a capacidade de armazenagem que a gente precisa para a quantidade de grãos que são produzidos na nossa região. E isso vai fazer com que aumente esse fluxo de transporte de grãos, o que, para o município, é muito rentável.

JC - Qual é a importância das cooperativas na região?

Paula - Temos aqui a CCGL, que é a união central das cooperativas do Estado. Muitas delas estão liga-

das à CCGL. E vemos que o cooperativismo está preocupado não apenas com a questão da renda, mas também com os seus associados. Isso fortalece as culturas e a produção do campo, assim como o espírito de cooperação dentro da cidade, até mesmo na gestão pública e nas relações institucionais. Temos, também, as cooperativas de crédito, como a Sicredi Planalto, que é uma das maiores do Brasil, com sede em Cruz Alta. Isso vai fortalecendo as parcerias. Acredito muito na maneira com que eles trabalham e no retorno que eles têm dado para o município.

JC - Cruz Alta é a terra do escritor Erico Verissimo e de diversas personalidades históricas. Também tem um carnaval forte e a Coxilha Nativista. Pensam em intensificar o turismo cultural?

Paula - Sim. Cruz Alta é um berço literário por conta do Erico e cultural por conta da Coxilha e do Carnaval. A Coxilha Nativista já acontece há 45 anos ininterruptamente e temos projetos educacionais para que ela se perpetue. O Carnaval é o terceiro maior do Estado, com desfile de escolas de samba e cultura brasi-

leira relacionada aos nossos antepassados. Ainda, temos o turismo religioso, com o santuário local visitado na romaria de Nossa Senhora de Fátima por mais de 200 mil pessoas. Estamos, agora, explorando os Caminhos de Fátima e o turismo rural. E temos o projeto de fazer a maior cruz visitável do mundo que já conta com verba de emenda parlamentar. Além disso, queremos fazer o restauro da Estação Férrea, que era um prédio federal e que conseguimos trazer para o município, mas fizemos três licitações em empresas interessadas.

JC - As parcerias público-privadas dos aeroportos de Passo Fundo e Santo Ângelo devem trazer mais pessoas para Cruz Alta?

Paula - Sim, para a região. Estamos tentando nos conectar com o turismo das Missões Jesuítas, que vão completar 400 anos em 2026. Acreditamos que esses aeroportos vão aproximar porque eles têm voos comerciais. Nosso aeroporto de Cruz Alta é totalmente privado, mas com capacidade para também fazer voos comerciais. Então, estamos em negociação para trazer alguma rota ou escala desses voos mais próximos em

alguns dias da semana. Hoje, somos a cidade com o maior número de aviões particulares do RS.

JC - E o aeroporto daqui dá conta da demanda da cidade?

Paula - Ele é privado, mas a gente utiliza muito. Ele nos trouxe o suporte aeromédico que antes a gente não conseguia operar. Hoje, havendo necessidade, os empresários nos emprestam o terminal para essa finalidade. E o aeroporto também tem trazido muitos investidores. O fato de poder pousar aqui em um solo muito fértil nos colocou em outro patamar. Hoje, só Santa Maria e Cruz Alta têm aeroporto, ferrovia e rodovia. Mas, diferente de lá, o nosso aeroporto é muito próximo da rodovia.

JC - Embora a Região Norte tenha crescido em habitantes, Cruz Alta perdeu população. Como a prefeitura lida com isso?

Paula - Estamos buscando fortalecer a qualidade de vida da população com investimentos em saúde, dando segurança aos moradores e pensando em estratégias da primeira infância. Também pensamos no envelhecimento da nossa população, porque vemos um aumento dos aposentados e idosos de Cruz Alta. Buscamos fortalecer a Unicruz, nossa universidade comunitária, criando com eles um programa municipal de bolsas de estudo para que os jovens permaneçam aqui estudando, e os cursos técnicos, para qualificar nossa mão de obra. Investimos, ainda, em infraestrutura de lazer não só no centro, mas por todo o município.

JC - E em relação à retenção da juventude no campo?

Paula - Temos um perfil um pouco diferente das cidades menores do nosso entorno, com só 3,5 mil pessoas morando no campo. O que temos fortalecido junto com as cooperativas, a Unicruz e o próprio Sindicato Rural é a questão da sucessão familiar. Então, estamos aproximando o agro das escolas e mostrando sua importância. Estamos fazendo capacitação de professores voltadas ao agronegócio para podermos fazer uma abordagem mais assertiva. Porque hoje temos observado que no campo as vagas de emprego estão remunerando melhor que as da cidade, mas também estão exigindo profissionais muito mais capacitados. Também estamos apostando em desenvolver as agroindústrias. Quando assumimos, eram duas legalizadas. Agora, estamos com 12.

JC - Caso a população aumente, tem estrutura habitacional?

Paula - Vemos um crescimento nessa área, com loteamentos pri-

vados que foram lançados há seis meses e já foram comercializados em quase 80%. Também temos todo um planejamento em relação a programas habitacionais, estamos com 200 unidades habitacionais em construção entre os programas Minha Casa Minha Vida, do governo federal, e do A Casa é Sua, do estadual. Temos buscado qualificar esse setor (da habitação).

JC - E na cidade, há falta de mão de obra?

Paula - Tem um cenário econômico agora no Brasil que nos assusta um pouco pelas estimativas do futuro. Vemos que temos que qualificar a nossa mão de obra, porque temos vagas disponíveis e não estamos conseguindo ocupar elas. Temos feito feirões de emprego, até para entender o perfil da pessoa que está procurando e das vagas que estão abertas. Estamos buscando trazer mais cursos técnicos para Cruz Alta, gratuitos ou pagos. Então, fortalecemos relações com instituições, como o Sesc e o Senac. Também estamos em conversa com o Senai para trazer cursos técnicos. Com o Instituto Estadual Annes Dias, conseguimos, neste ano, mais um curso em eletrotécnica, que é uma grande demanda da região, mas trabalhamos buscando com o Instituto Federal Farroupilha e com o próprio Senai focar em áreas como o biodiesel. Temos diversas universidades também e é através da educação que a gente vai conseguir gerar oportunidades, isso está muito claro para nós.

JC - Como estão as finanças do município? Estão conseguindo manter o equilíbrio fiscal?

Paula - Conseguimos organizar as finanças. Era um município extremamente endividado (quando a gestão assumiu), que não tinha capacidade de contrair financiamento e fazer convênios com o Estado e com a União. Agora, conseguimos acessar linhas de crédito para fazer investimentos. Superávit, ainda não temos por conta das dívidas do passado. Equilíbrio fiscal, sim. Cruz Alta está entre as 30 melhores cidades do Brasil na gestão e na qualidade da informação fiscal, numa avaliação do Siconfi (Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro). Estamos com nota A. Estávamos na casa dos 3.420 entre os 5.500 municípios do Brasil. E agora estamos em 28. Realmente, conseguimos organizar as finanças. Não gastamos mais do que arrecadamos. E, no futuro, com esses novos investimentos, tenho certeza que teremos superávit.